

Ato de fundação

Fundo - tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica - a Escola Francesa de Psicanálise, da qual garantirei, nos quatro próximos anos pelos quais nada no presente me proíbe de responder, pessoalmente a direção.

Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho - que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego.

Este objetivo de trabalho é indissociável de uma formação a ser dispensada nesse movimento de reconquista. O que equivale a dizer que nela estão habilitados de pleno direito aqueles que eu mesmo formei, e que para ela estão convidados todos os que puderem contribuir para introduzir, dessa formação, o bem-fundado da experiência.

Os que vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier.

Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um.

Após certo tempo de funcionamento, os componentes de um grupo verão ser-lhes proposta a permuta para outro.

O cargo de direção não constituirá uma chefia cujo serviço prestado seja capitalizado para o acesso a um grau superior, e ninguém terá como considerar-se rebaixado por retomar à categoria de um trabalho de base.

Isso porque toda e qualquer iniciativa pessoal recolocará seu autor nas condições de crítica e de controle nas quais todo trabalho a ser empreendido será submetido à Escola.

Isso não implica, de modo algum, uma hierarquia de cima para baixo, mas uma organização circular cujo funcionamento, fácil de programar, se firmará na experiência.

Constituímos três seções, cujo funcionamento assegurarei, com dois colaboradores que me secundarão em cada uma.

1. SEÇÃO DE PSICANÁLISE PURA, ou seja, práxis e doutrina da psicanálise propriamente dita, que não é nada além - o que será estabelecido no devido lugar - da psicanálise didática.

Os problemas urgentes a serem formulados sobre todas as questões da didática encontrarão aqui meios de ter seu caminho aberto por um confronto contínuo entre pessoas que tenham a experiência da didática e candidatos em formação. Sua razão de ser fundamenta-se naquilo que não há por que ocultar: na necessidade que resulta das exigências profissionais, toda vez que elas levam o analisante em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja.

É no interior desse problema e como um caso particular que deve situar-se o problema da entrada em supervisão. Prelúdio para que se defina esse caso com base em critérios outros que não a impressão de todos e o preconceito de cada um. Pois sabemos que essa é atualmente sua única lei, ao passo que a violação da regra implicada na observância de suas formas é permanente.

Desde o início e na totalidade dos casos, uma supervisão qualificada será assegurada, nesse contexto, ao praticante em formação em nossa Escola.

Serão propostos para o estudo assim instaurado os aspectos pelos quais eu mesmo rompo com os *standards* afirmados na prática didática, assim como os efeitos imputados a meu ensino sobre o curso de minhas análises, quando sucede a meus analisantes, a título de alunos, assistir a eles. Incluiremos nisso, se necessário, os únicos impasses a serem destacados de minha posição em tal Escola, ou seja, aqueles que a própria indução a que visa meu ensino engendraria em seu trabalho.

Esses estudos, cujo ponto extremo é o questionamento da rotina estabelecida, serão coligidos pela diretoria da seção, que zelará pelos caminhos mais propícios para sustentar os efeitos de sua solicitação.

Três subseções:

- Doutrina da psicanálise pura;
- Crítica interna de sua práxis como formação;
- Controle dos psicanalistas em formação.

Postulo enfim, como princípio de doutrina, que essa seção, a primeira, bem como aquela de cuja destinação falarei no item 3, não se deterá, em seu recrutamento, na qualificação médica, posto não ser a psicanálise pura, em si mesma, uma técnica terapêutica.

2. SEÇÃO DE PSICANÁLISE APLICADA, o que significa de terapêutica e clínica médica.

Nela estarão grupos médicos, sejam eles ou não compostos de sujeitos psicanalisados, desde que estejam em condição de contribuir para a experiência psicanalítica: pela crítica de suas indicações em seus resultados; pela experimentação dos termos categóricos e das estruturas que introduzi como sustentando a linha direta da práxis freudiana - isso no exame clínico, nas definições nosográficas e na própria formulação dos projetos terapêuticos.

Também aqui, três subseções:

- Doutrina do tratamento e de suas variações;
- Casuística;
- Informação psiquiátrica e prospecção médica.

Uma diretoria para autenticar cada trabalho como sendo da Escola, e tal que sua composição elimine qualquer conformismo preconcebido.

3. SEÇÃO DE RECENSEAMENTO DO CAMPO FREUDIANO

Ela assegurará, para começar, o levantamento e a censura crítica de tudo o que é oferecido nesse campo pelas publicações que se pretendem autorizadas por ele.

Ela fará a atualização dos princípios dos quais a práxis analítica deve receber, na ciência, seu estatuto. Um estatuto que, por mais singular que afinal seja preciso reconhecê-lo, nunca seria o de uma experiência infável.

Por último, ela convocará, tanto para instruir nossa experiência quanto para comunicá-la, aquilo que, do estruturalismo instaurado em certas ciências, puder esclarecer aquele cuja função demonstrei na nossa - e, no sentido inverso, aquilo que, de nossa subjetivação, essas mesmas ciências puderem receber de inspiração complementar.

Em última instância, faz-se necessária uma práxis da teoria, sem a qual a ordem de afinidades desenhada pelas ciências que chamamos conjecturais ficará à mercê da deriva política que se alça da ilusão de um condicionamento universal.

Portanto, também três subseções:

- Comentário contínuo do movimento psicanalítico;
- Articulação com as ciências afins.
- Ética da psicanálise, que é a práxis de sua teoria.

O fundo financeiro, inicialmente constituído pela contribuição dos membros da Escola, pelas subvenções que ela eventualmente obtiver, ou pelos serviços que prestar como Escola, será inteiramente reservado para seu esforço de publicação.

Em primeiro lugar, um anuário reunirá os títulos e o resumo dos trabalhos, onde quer que tenham sido publicados, da Escola, anuário este em

que figurarão, mediante sua simples demanda, todos os que houverem neles estado empenhados.

A adesão à Escola será feita mediante apresentação a ela num grupo de trabalho, constituído como dissemos.

A admissão, no início, será decidida por mim, sem que eu leve em conta as posições tomadas por qualquer um, no passado, a respeito de minha pessoa, certo que estou de que aqueles que me deixaram, não sou eu quem lhes quero mal, eles é que quererão cada vez mais mal a mim por não poderem voltar atrás.

Minha resposta, de resto, concernirá apenas ao que eu puder presumir ou constatar a título do valor do grupo e do lugar que ele pretender preencher inicialmente.

A organização da Escola, com base no princípio de rotatividade que indiquei, será instaurada pelos cuidados de uma comissão aprovada por uma primeira assembleia plenária, que se realizará dentro de um ano. Essa comissão a elaborará com base na experiência percorrida ao término do segundo ano, quando uma segunda assembleia terá que aprová-la.

Não é necessário que as adesões abarquem a totalidade deste plano para que ele funcione. Não preciso de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos, como sou desde já.

21 de junho de 1964.

NOTA ANEXA

Este ato de fundação considera inúteis hábitos simples. Pareceu, no entanto, haver deixado algumas questões em aberto naqueles a quem esses hábitos ainda regem.

Um guia do usuário, em sete itens, fornece aqui as respostas mais solicitadas - donde se presumirão as perguntas que elas dissipam.

1. Do didata

Um psicanalista é didata por ter feito uma ou mais psicanálises que se tenham revelado didáticas.

Trata-se de uma habilitação de fato, que sempre se passou assim, nos fatos, e que não depende de nada além de um anuário que ratifique fatos, sem que tenha sequer de se pretender exaustivo.

O uso do consentimento dos pares tornou-se obsoleto, por haver permitido a introdução muito recente do que se chama "a lista", a partir do momento em que uma sociedade pôde utilizar esta última para fins que desconhecem da maneira mais clara as próprias condições da análise a ser empreendida, bem como da análise em curso.

Condições cujo essencial é que o analisante seja livre para escolher seu analista.

2. Da candidatura à Escola

Coisa diferente é a candidatura a uma Escola, e outra ainda é a qualificação de uma psicanálise didática.

A candidatura à Escola exige uma seleção a ser pautada por seus objetivos de trabalho.

Seu encargo, a princípio, ficará com uma simples comissão de acolhimento, chamada *Cardo*, isto é, gonzo dito em latim, o que indica seu espírito.

Recordemos que a psicanálise didática só é exigida pela primeira seção da Escola, embora desejável para todas.

3. Da psicanálise didática

A qualificação de uma análise como didática tem-se praticado, até o presente, através de uma seleção sobre a qual, para julgá-la, basta constatar que ela não permitiu articular nenhum de seus princípios desde que começou a existir.

E nenhum tem maior probabilidade de se destacar no futuro, a menos que primeiro se rompa com um uso que se presta à derrisão.

O único princípio certo a formular, ainda mais por ter sido desconhecido, é que a psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra.

4. Da psicanálise didática na participação na Escola

Aqueles que empreendem uma psicanálise didática o fazem por sua iniciativa e por sua escolha.

O título 1 desta nota implica, inclusive, que eles podem estar em condições de autorizar seu psicanalista como didata.

Mas a admissão na Escola impõe-lhes a condição de que se saiba que eles iniciaram essa empreitada, onde e quando.

Porque a Escola, seja qual for o momento em que o sujeito entre em análise, tem que pesar esse fato na balança com a responsabilidade, da qual não pode declinar, de suas consequências.

É constante que a psicanálise tenha efeitos sobre toda e qualquer prática do sujeito que nela se engaja. Quando essa prática provém, por pouco que seja, de efeitos psicanalíticos, ele se descobre a gerá-los no lugar em que se espera que os reconheça.

Como não ver que a supervisão se impõe desde o momento desses efeitos, antes de qualquer coisa para proteger aquele que aí comparece na posição de paciente?

Acha-se em jogo nisso algo de uma responsabilidade que a realidade impõe ao sujeito, quando praticante, que ele assuma por seu próprio risco.

Fingir ignorar esse fato é a incrível função que se conserva na prática da análise didática: presume-se que o sujeito não exerce a psicanálise, ou ele é tido como violando por obra sua uma regra de prudência, ou até de honestidade. O fato de que, ao observar essa regra, o sujeito acaba falhando em sua função, não está fora dos limites do que acontece, como sabemos, por outro lado.

A Escola não pode abstrair-se desse desastroso estado de coisas, em razão mesma do trabalho que ela existe para garantir.

Por isso é que ela garantirá as supervisões que convierem à situação de cada um, fazendo frente a uma realidade da qual faz parte a concordância do analista.

Inversamente, uma solução insuficiente poderá motivar para ela um rompimento de contrato.

5. Do ingresso na Escola

Ingressa-se agora na Escola por dois acessos:

1) O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará *cartel*, apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um tencione levar adiante nele.

2) Os indivíduos que quiserem fazer-se conhecer, seja por que projeto for, encontrarão o caminho útil junto a um membro do *Cardo*: os nomes dos primeiros a aceitarem seu encargo, por minha demanda, serão divulgados antes de 20 de julho. Eu mesmo encaminharia para um deles quem me fizesse a demanda.

6. Do estatuto da Escola

Minha direção pessoal é provisória, ainda que prometida por quatro anos. Eles nos parecem necessários para o deslanchar da Escola.

Apesar de seu estatuto jurídico ser desde logo o da associação declarada nos termos da lei de 1901, cremos dever, primeiramente, fazer aprovar em seu movimento o estatuto interno, que será, num prazo fixo, proposto ao consentimento de todos.

Lembremo-nos de que a pior objeção que se pode fazer às sociedades da forma existente é a cessação do trabalho, manifesta até na qualidade, que elas causam entre os melhores.

O sucesso da Escola se medirá pelo lançamento de trabalhos que sejam aceitáveis em seu lugar.

7. Da Escola como experiência inaugural

Esse aspecto impõe-se suficientemente, pensamos, no ato de fundação, e deixamos a cargo de cada um descobrir suas promessas e seus obstáculos.

Àqueles que puderem interrogar-se sobre o que nos guia, desvendaremos sua razão.

O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.

Os "seminários", inclusive nosso curso da *École d'Études Supérieures*, não fundarão nada, se não remeterem a essa transferência.

Nenhum aparelho doutrinário, notadamente o nosso, por propício que seja à direção do trabalho, pode prejudicar conclusões que serão seu resto.

PREÂMBULO

Desta fundação podemos destacar, antes de qualquer coisa, a questão de sua relação com o ensino, que não deixa sem garantia a decisão de seu ato.

Diremos que, por mais qualificados que sejam os que estiverem em condições de discutir esse ensino, a Escola não depende dele, nem tampouco o dispensa, já que ele se desenrola fora dela.

Se para esse ensino, com efeito, a existência de uma plateia que ainda não tomou sua medida revelou-se no mesmo momento decisivo que impôs a Escola, é ainda mais importante marcar aquilo que os separa.

Escola Freudiana de Paris - esse título, mantido em reserva no ato de fundação, anuncia claramente, a quem se ativer a seus termos, as intenções de onde se procede.

Deixemos de lado o lugar de onde se retoma, não sem razão de fazê-lo, com o escudo originário, o desafio que ele traz, já por Freud saudado: a Escola afirma-se antes de tudo freudiana, por isto - se há uma verdade que sem dúvida se sustenta numa presença paciente a reiterá-la, mas que, por esse efeito, tomou-se consciência como que da área francesa - é que a mensagem freudiana ultrapassa em muito, em sua radicalidade, o uso que dela fazem os praticantes de obediência anglófona.

Mesmo que se estenda a mão, na França como alhures, a uma prática mitigada pela irrupção de uma psicoterapia associada às necessidades da higiene mental, é fato que nenhum praticante deixa de mostrar seu incômodo ou sua aversão, ou até sua derrisão ou horror, conforme as oportunidades que proporciona a si mesmo de imergir no lugar aberto em que a prática aqui denunciada assume uma forma imperialista - conformismo da mirada, barbarismo da doutrina, regressão rematada a um psicologismo puro e simples, tudo isso mal compensado pela promoção de um clericalismo fácil de caricaturar, mas que, em sua compunção, é realmente o resto que atesta a formação pela qual a psicanálise não se dissolve naquilo que propaga.

Essa discordância, que a figuremos pela evidência que surge ao indagarmos se não é verdade que, em nossa época, a psicanálise está em toda parte, e os psicanalistas, em outro lugar.

Pois não é inútil podermos espantar-nos com que unicamente o nome de Freud, pela esperança de verdade que conduz, tenha a aparência de se confrontar com o nome de Marx, suspeita esta não dissipada, embora seja patente que o abismo entre eles é impossível de preencher, e que, no caminho por Freud entreaberto, poder-se-ia perceber a razão por que fracassa o marxismo em dar conta de um poder cada vez mais desmesurado e louco, quanto ao político, quando ainda não entra em jogo um efeito de retomada de sua contradição.

Que os psicanalistas estejam impossibilitados de julgar os males em que se banham, mas que se sintam falhando, já basta para explicar que respondam a isso com um enquistamento do pensar. Demissão que abre caminho para uma falsa complacência, portadora, para o beneficiário, dos mesmos efeitos de uma verdadeira: nesse caso, o selo, que eles aviltam, dos termos de que detêm a guarda, em prol da iniciativa que não é em si, de modo algum, o alicerce da economia reinante, mas na qual é cômodo o preparo daqueles que ela emprega, até mesmo nos altos postos - a orientação psicológica e seus diversos ofícios.

Assim, a psicanálise fica por demais à espera, e os psicanalistas, em posição por demais instável para que se possa desatar a suspensão em outro lugar que não no próprio ponto em que eles se desviaram: a saber, na formação do psicanalista.

Não, em absoluto, que a Escola não disponha do que lhe assegura não romper nenhuma continuidade - ou seja, de psicanalistas irreprocháveis, seja qual for o ponto de vista em que nos coloquemos, posto que lhes teria bastado, como aconteceu com o resto dos sujeitos formados por Lacan, que renegassem o ensino deste para serem reconhecidos por uma certa "Internacional", e que é notório que eles devem apenas a sua escolha e a seu discernimento haverem renunciado a esse reconhecimento.

É a Escola que repõe em questão os princípios de uma habilitação patente e do consentimento daqueles que notoriamente a receberam.

No que freudiana revela-se ela mais uma vez, vindo agora o termo Escola a nosso exame.

Ele deve ser tomado no sentido em que, em tempos antigos, significava certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já então se podia chamar de mal-estar na civilização.

A nos atermos ao mal-estar da psicanálise, a Escola pretende oferecer seu campo não somente a um trabalho de crítica, mas à abertura do fundamento da experiência, ao questionamento do estilo de vida em que ela desemboca.

Os que aqui se engajam sentem-se sólidos o bastante para enunciar a situação manifesta: que a psicanálise, presentemente, nada tem de mais seguro para fazer valer em seu ativo do que a produção de psicanalistas - ainda que este balanço pareça deixar a desejar.

Não que nos entreguemos nisso a alguma autoacusação. Estamos conscientes de que os resultados da psicanálise, mesmo em sua situação de verdade duvidosa, fazem uma figura mais digna do que as flutuações da moda e as premissas cegas em que se fiam tantas terapêuticas no campo em que a medicina não para de se situar quanto a seus critérios (serão os da recuperação social isomorfos aos da cura?) e parece até estar recuando quanto à nosografia: referimo-nos à psiquiatria, transformada numa questão para todos.

Chega até a ser bastante curioso ver como a psicanálise banca aí o para-raios. Sem ela, como se faria alguém ser levado a sério, ali mesmo onde tira mérito da oposição a ela? Daí um *status quo* em que o psicanalista pouco se incomoda com a opinião que fazem de sua insuficiência.

A psicanálise, no entanto, distinguiu-se a princípio por dar acesso à ideia de cura em seu campo, ou seja: dar aos sintomas seu sentido, dar lugar ao desejo que eles mascaram, retificar de modo exemplar a apreensão de uma relação privilegiada - ainda que tivesse sido preciso poder ilustrar isso com distinções estruturais exigidas pelas formas da doença, reconhecê-las nas relações do ser que demanda e que se identifica com essas próprias demanda e identificação.

Seria preciso ainda que o desejo e a transferência que os movem tivessem provocado os que deles têm a experiência, a ponto de lhes tornar intoleráveis os

conceitos que perpetuam uma construção do homem e de Deus na qual entendimento e vontade se distinguem de uma pretensa passividade do primeiro desses modos à arbitrariedade - atividade que ela atribui ao segundo.

A revisão do pensamento a que conclamam as ligações com o desejo a ele impostas por Freud parece estar fora dos recursos do psicanalista. Provavelmente, estes são obscurecidos pelas precauções que os fazem curvar-se à fraqueza daqueles que ele socorre.

Há um ponto, no entanto, em que o problema do desejo não pode ser eludido: é quando se trata do próprio psicanalista.

E nada é mais exemplar da pura tagarelice do que a voz corrente a esse respeito: que é isso que condiciona a segurança de sua intervenção.

Perseguir nos álibis o desconhecimento que aí se protege com documentos falsos exige o encontro do que há de mais válido numa experiência pessoal com aqueles que a intimam a se confessar, tomando-a por um bem comum.

As próprias autoridades científicas são, aí, reféns de um pacto de carência que faz com que já não seja de fora que se pode esperar uma exigência de controle que estaria na ordem do dia em todos os outros lugares.

Isso é da alçada tão somente daqueles que, psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise em ato.

É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse, não lhes sendo proibido elaborar sua lógica.

NOTA PARA O ANUÁRIO

A Escola, da qual tão pouco se duvida que seja freudiana quanto que seja de Paris, encontrou enfim seu local.

Quaisquer que tenham sido os agentes pelos quais ganhou corpo o que por seis anos lhe criara um obstáculo, convém reconhecer que isso não se deu em detrimento de apenas um grupo, mas à custa de todos aqueles que se sustentam num ensino, na França, naturalmente.

Há emissões impudentes, uma frouxidão intelectual, que a partir de 1957 baixaram de tom.

Com isso ganharam a possibilidade de manter as aparências na conjuntura atual.

Isso deveria sugerir, na psicanálise, um certo retomo ao que é sua questão. Será que chegaremos lá?

Meio século depois de Freud a haver dotado de sua segunda tópica, nada se registra de sua factualidade que seja mais seguro do que o fato, este perturbador, de sua persistência.

Inflação notória, que, ao se escorar na época, toma o verossímil mais tentador do que o verídico.

Sem a base de uma formação em que a análise se articule pela defasagem do discurso cujo ato Lacan erige, ninguém passará para a tentativa contrária.

No ponto em que o confisco universitário mostra necessidade de se contentar com nossa mais ínfima aparência.

Todas as "esperanças", portanto, ficarão à vontade em outro lugar que não nossa Escola.

Mas nesta elas encontrariam aqueles a quem não pareceram negociáveis nem dez, nem dezesseis, nem dezoito anos de um trabalho graças ao qual ainda existe o psicanalista à altura daquilo que supõe que se lhe faça sinal: daquilo que se sabe, pelo menos.

28 de fevereiro de 1971